

## Walter Benjamin, Marcel Proust e a questão do sadismo

Ernani Chaves

*O presente texto procura analisar a interpretação que Walter Benjamin faz da questão do sadismo na Recherche, de Marcel Proust, a partir das referências explícitas de Benjamin ao Além do princípio do prazer. Afastando-se tanto de uma interpretação “psicobiográfica” como da própria idéia proustiana de sadismo, Benjamin, recorrendo a Freud, pode oferecer uma interpretação tão instigante quanto complexa de uma das obras de literatura mais importantes e mais comentadas do nosso século. Nesta perspectiva, o que a interpretação de Benjamin destaca não são as famosas cenas de sadismo da Recherche, mas a “curiosidade” insaciável e, no limite, sadomasoquista, do “narrador”. Transpondo tal interpretação para o campo da análise da cultura, Benjamin acaba por revelar os traços radicais da crítica social em Proust: a “pulsão de morte” como organizadora das relações sociais na sociedade capitalista.*

**Palavras-chave:** Narração, curiosidade, sadismo, pulsão, desejo de saber

Concluí, mais tarde, que há uma coisa tão ruidosa quanto  
o sofrimento, é o prazer.  
(Marcel Proust, *Sodoma e Gomorra*).

Entre todas as afecções do corpo, apenas a dor é, para o homem,  
como que um rio navegável com uma água inesgotável,  
que lhe conduz ao mar.  
(Walter Benjamin, “Prazer e dor”, *GS VI*, p. 83).

Proust e o sadismo. O sadismo de Proust. Em que medida uma tal questão pode ser relevante para Walter Benjamin? Não será ela uma questão menor na relação entre o autor da *Recherche* e o autor da *Infância Berlinense*, se a compararmos com as “ruidosas” e nobres questões da memória, do tempo e da linguagem? De fato, ao final da leitura de *Para a imagem de Proust* (1929), qualquer leitor concluirá que ela não é nem mesmo uma questão menor, mas inexistente, pois nada neste ensaio parece apontar na sua direção. Entretanto, tanto a leitura dos “Proust-Papier”, textos preparatórios ao ensaio de 1929, quanto a do “Diário parisiense” (escrito entre dezembro de 1929 e fevereiro de 1930 e publicado em quatro partes na “*Literarische Welt*”, entre abril e junho de 1930) e a do relato “Noite com M. Albert” (versão “exclusiva”, enviada a Gershom Scholem, do seu encontro com Albert Le Cuziat, que fora amigo íntimo de Proust, também presente no “Diário”), nos levará a uma resposta contrária, pois neles a questão do sadismo ocupa um lugar de destaque. Uma anotação dos “Proust- Papier” assinala, de maneira contundente, esse lugar, mesmo que o sadismo ainda não esteja explicitamente nomeado:

Sodoma e Gomorra é, de fato, a chave com a qual a porta para o inferno da existência absolutamente prazerosa, puramente ameaçadora, é ajustada ao seu caixilho. Certamente um inferno, pois este é o último produto da análise brutal do gozo (*Genuss*), que sua obra realiza: o absoluto, químico, puro gozo da existência é uma extraordinária e fugaz ligação entre sofrimento (*Leiden*), dor (*Schmerz*), humilhação (*Erniedering*) e doença (*Krankheit*) e seu aroma “é o da” decepção (*Enttäuschung*).<sup>1</sup>

Entretanto, mais adiante, numa anotação referente à incompreensão de Proust por parte de seus contemporâneos, a palavra, enfim, aparece:

A estranheza “de Proust” em relação ao mundo (*Weltfremdheit*) é, em todo caso, diferente da romântica. Estranho ao mundo (*Weltfremd*) – ele o foi talvez, mas de uma maneira muito própria que, freqüentemente, roça o sadismo e sempre o defende de todo contato íntimo com o mundo específico, no qual ele viveu.<sup>2</sup>

Essas palavras são, sem dúvida, o eco não só de uma leitura intensa e apaixonada da *Recherche* (e de tudo o que Proust publicara até então), mas o resultado imediato do trabalho de tradução desta “obra monumental” (“En traduisant Proust” era o primeiro título de *Para a imagem de Proust*), cujo primeiro resultado fora, justamente, a tradução de “Sodoma e Gomorra” (que, infelizmente, se perdeu), terminada no verão de 1925. Com o amigo Franz Hessel, Benjamin traduzirá ainda *À l’ombre des jeunes filles en fleurs* e *Le côté de Guermantes*, publicadas em 1927 e 1930, pelas editoras De Schmiede (Berlim) e R. Piper & Co. (Munique), respectivamente. No “Diário Parisiense”, o lugar do sadismo é indicado de maneira mais precisa a partir de dois aspectos que se ligam e se complementam: 1) de forma explícita, a partir da relação entre sadismo e curiosidade<sup>3</sup> e 2) de forma implícita, a partir da referência a “Além do princípio do prazer”, considerada como “a genial obra da maturidade de Freud”, que pode valer, “provavelmente”, acrescenta Benjamin, “como um comentário fundamental a Proust”, pois este, “no fundo, *peut-être se range du côté de la mort* ‘em francês no original’”<sup>4</sup>. “Noite com M ‘onsieur’ Albert”, o relato da “mais memorável noite parisiense” daquela temporada<sup>5</sup>, retoma o tema das relações entre sadismo e curiosidade e inclui algumas observações que não se encontram no “Diário” (tratava-se, não esqueçamos, de um relato privado e “exclusivo” a Scholem, não destinado, portanto, de início, à publicação).

1. Walter Benjamin. *Gesammelte Schriften*, II-3. Frankfurt: Suhrkamp, 1992, p. 1048. Doravante citada como *GS*, seguido da indicação do volume e da página.
2. *GS*, II-3, p. 1060.
3. *GS*, IV-2, pp. 577-578.
4. *GS*, IV-2, p. 580.
5. Walter Benjamin. *Briefe*, vol. II, Carta a Scholem, de 25.01.1930. Frankfurt: Suhrkamp, 1972, p. 509.

Imiscuir-se nessa questão exige, sem dúvida, cautela e prudência. O tema da “perversão” na *Recherche* é um tema candente, que suscitou, desde o aparecimento do primeiro volume, “À côté de chez Swann”, em 1913, inúmeras discussões, debates e comentários. A bibliografia a respeito é extremamente ampla e extensa. Por isso, gostaria de delimitar, com a maior precisão possível, os limites deste artigo. Nesta perspectiva, assinalo que meu ponto de partida não é nem Proust, nem Freud, mas Walter Benjamin. Meu objetivo primeiro e essencial é mostrar de que modo Benjamin se coloca a questão do sadismo em Proust e qual a sua importância no conjunto das suas reflexões. Trata-se, portanto, de assinalar no âmbito do projeto benjaminiano o lugar fundamental do desejo, da sexualidade, do corpo, daquilo que Proust chamou, uma vez, de “intermitências do coração”. Certamente não sou o primeiro a fazer tal afirmação. Mas mesmo que recentemente alguns intérpretes tenham se referido ao tema do sadismo na interpretação benjaminiana de Proust, não o aprofundam<sup>6</sup>. Do mesmo modo, Benjamin não foi o primeiro a relacionar Proust e Freud. Muito pelo contrário. Mas, por outro lado, ele foi um dos primeiros a tentar tomar a questão do sadismo em Proust por um ângulo exclusivamente freudiano. Esse aspecto é importante, se considerarmos a situação da Psicanálise, seja na Alemanha ou na França, no final dos anos 20. Essa perspectiva – que diz respeito, de perto, à história da psicanálise – também baliza minha investigação. Perspectiva necessária, por dois motivos. Primeiro, porque ela torna possível inserir a posição de Benjamin no debate acerca das relações entre Proust e Freud que se desenvolvia, naquele momento, na França, pois na Alemanha Proust ainda era pouco discutido<sup>7</sup>. Com isso – eis o segundo ponto – pode-se mostrar tanto a singularidade da intervenção benjaminiana, quanto seu débito com uma discussão que estava em andamento. Entrelaç, portanto, várias leituras: a de Freud, por Benjamin; a de Proust por Benjamin, mediada por Freud e a minha própria leitura dessas leituras e desses três autores, isoladamente. Isso me lembra a idéia de leitor que Proust elabora no “Temps retrouvé”: “Na realidade, cada leitor é, quando lê, o próprio leitor de si mesmo. A obra do escritor é apenas uma espécie de instrumento óptico, que ele oferece ao leitor, a fim de lhe permitir discernir aquilo que, sem este livro, ele não poderia ter visto *em si-mesmo*”<sup>8</sup>. *Voilà!*

6. Cf. Roberto Kahn. *Images, Passages. Walter Benjamin et Marcel Proust*. Paris: Éditions Kimé, 1998, p. 88 e Ina Hartwig, *Sexuelle Poetik. Proust, Musil, Genet, Jelinek*. Frankfurt: Fischer, 1998, p. 41.

7. Cf. a respeito, Achim Hölter (Hrgs.). *Marcel Proust. Lesererfahrungen deutschsprachiger Schriftsteller*. Frankfurt: Suhrkamp, 1998.

8. Marcel Proust. *À la recherche du temps perdu*, Paris: NRF, 8 volumes, publicada entre 1929 e 1930. Utilizamos preferencialmente esta edição, por ser aquela que Benjamin conheceu.

## ARTIGOS

\*  
\* \*

A questão do sadismo, que já estava presente nos “Proust-Papieres” é introduzida, no “Diário Parisiense”, por uma lenta e construída aproximação. O “Diário” começa, exatamente, em 30 de dezembro de 1929, data provável da chegada de Benjamin a Paris e termina em 11 de fevereiro de 1930. A questão do sadismo só vai aparecer na visita a M. Albert, datada de 21 de janeiro. Entre as duas datas, em pelo menos duas ocasiões, Benjamin refere-se a conversas que mantém estreitas ligações com a questão. A primeira, em 11 de janeiro, no café da manhã com Léon Pierre-Quint e a segunda, com Emmanuel Berl, datada de 18 de janeiro.

Léon-Pierre Quint é uma referência extremamente importante. Benjamin foi um entusiasta leitor da sua biografia de Proust, intitulada *Marcel Proust, sua vida e sua obra*. Este livro, em onze anos, conheceu três edições diferentes. A primeira, em 1925; a segunda em 1928, onde o autor acrescentou mais dois capítulos sobre o cômico e sobre a mística em Proust e a terceira, em 1936, onde incluiu uma revisão crítica de sua própria interpretação e um artigo sobre Proust e a “juventude de hoje”. Quando da redação do *Para a imagem de Proust*, Benjamin já conhecia as duas primeiras edições do livro. Quint não é só citado duas vezes neste ensaio<sup>9</sup>, como nos “Proust-Papieres” Benjamin recomenda vivamente a tradução do livro para o alemão, como uma etapa necessária à compreensão da obra de Proust pelo público alemão<sup>10</sup>. Ora, em pelo menos duas ocasiões, Quint compara, no seu livro, Proust e Freud: na edição de 1925, Proust é considerado aquele que “compreendeu” a relação freudiana entre inconsciente, recalque e sonhos<sup>11</sup>; na edição de 1928, após ter lido o “Le temps retrouvé” (publicação póstuma, de 1927), afirma que enquanto Freud, “o cientista vienense, revelando o papel da sexualidade, abriu novas vias à psiquiatria”, Proust, “insistindo sobre a importância moral e social da inversão ou do sadismo, alargou o domínio da literatura”<sup>12</sup>. Não por acaso, o biógrafo de Proust planejava, naquele momento, escrever a biografia de Gide. Por isso, provavelmente, a conversa caminhou na direção das relações entre Proust e Gide, privilegiando a questão da sexualidade. A conclusão de Benjamin foi a seguinte:

9. GS, II-1, pp. 315 e 318. Ed: bras.: *Obras Escolhidas*, I. São Paulo: Brasiliense, 1987, 3ª ed., pp. 41 e 43. Citada a partir de agora como *OE*, seguida do volume e do número da página. A tradução é, freqüentemente, modificada.

10. GS, II-3, p. 1058.

11. Léon Pierre-Quint. *Marcel Proust, sa vie, son oeuvre*. Paris: Éditions du Sagittaire, 1946, p. 25. Esta edição reúne, em um único volume, as três edições referidas.

12. Idem, pp. 335-336.

Da minha parte, devo dizer que a fraqueza mais evidente na descrição gideana da homossexualidade está na sua tentativa de estatuí-la, de forma absoluta, como um puro fenômeno natural, em vez de “proceder”, como Proust, que tomou a sociologia como ponto de partida para o estudo dessa tendência.<sup>13</sup>

A diferença entre ambos é vista, portanto, a partir da visada “sociológica” de Proust. Conclusão que não estava em total desacordo com Quint, que intitula um dos capítulos do seu livro, *Sodoma e Gomorra. O indivíduo e a sociedade*, onde afirma, no que diz respeito ao sadismo, que Proust nos desvela “o homem caçado (*l’homme traqué*) pela sociedade, em revolta latente contra ela, o indivíduo contra a sociedade, a natureza contra a moral”<sup>14</sup>.

Na conversa com Emmanuel Berl, por sua vez, Benjamin diz, logo no início do relato, que uma de suas estratégias antes de encontrar, pela primeira vez, uma pessoa desconhecida, neste caso um escritor, era ler um dos seus escritos. Benjamin lê então, antes do seu encontro com Berl, o livro deste *A morte do pensamento burguês*, transcrevendo dele um trecho que “lança luz não apenas em Berl, mas se reflete também sobre a minha conversa com Quint, sobre Lautréamont”<sup>15</sup>. Trata-se, justamente, de um trecho sobre o sadismo. Tendo como referência Sade, Berl destaca o “sentido metafísico do sadismo”:

O que a obra de Sade ensina de totalmente diferente daquilo que conhecemos é o quanto um espírito verdadeiramente revolucionário se distancia da idéia de amor (...). O sentido metafísico do sadismo consiste na esperança de que a revolta dos homens ganhará uma intensidade tão violenta, que ela significa, para a natureza, a coação para que esta mude suas leis, que do ponto de vista da determinação de todas as mulheres, não se tolere mais a injustiça da gravidez, os perigos e dores do parto, a natureza se veria obrigada a procurar outro caminho para a conservação da humanidade na terra.<sup>16</sup>

Benjamin não faz nenhum comentário sobre esse trecho, mas não deixa de assinalar o projeto de Berl de continuar sua “obra polêmica”, com a pretensão de “expulsar a pseudo-religiosidade da burguesia do seu último esconderijo”. Neste projeto, a crítica do “culto ao inconsciente”, traduzido na convicção de que “a própria interioridade seria o palco de uma única ação trágica, que nunca mais retornaria”,

13. *GS*, IV-2, p. 572. Um pouco antes, em 28 de julho de 1929, diante da Catedral de Sienna, Benjamin escrevia: “O rito ensina: a igreja não se construiu através da superação do amor homem-mulher, mas ‘sim’ do ‘amor’ homossexual. Que o padre não durma com o sacristão – eis o milagre da missa” (*GS*, VI, p. 204).

14. *Idem*, p. 218.

15. *GS*, IV-2, p. 573. Da conversa sobre Lautréamont não há registro.

16. *GS*, IV-2, p. 574.

ocupa lugar central. Segundo Benjamin, se os surrealistas são o alvo principal dessa “luta fanática”, Freud permanece, entretanto, subtendido.<sup>17</sup> Mais próximo de Quint, Benjamin se afasta decididamente de Berl, seja porque suas considerações sobre o sadismo, até este momento, não se referem ao Marquês de Sade, seja porque ele tem outra apreciação sobre o surrealismo.

Duas outras referências em *Para a imagem de Proust*, desta feita ao artigo de Jacques Rivière, “Marcel Proust e o espírito positivo”<sup>18</sup>, mostram, igualmente, a proximidade de Benjamin com leituras de Proust que o relacionavam a Freud. Neste artigo, em que Proust é assimilado não só à tradição dos moralistas franceses, mas também a Augusto Comte, Freud é citado quatro vezes: nada pode caracterizar melhor Proust, “por princípio”, diz Rivière, do que “o epíteto, caro a Freud, de *polimorfo*”<sup>19</sup>; a propósito do papel dos sentimentos, Proust e Freud afirmariam a sua função ilusória e, por isso, passam a ter diante deles “uma atitude resolutamente crítica”<sup>20</sup>; a respeito da questão da consciência, “Proust e Freud inauguram uma nova maneira de interrogar a consciência”<sup>21</sup>; finalmente, acerca da própria criação artística: na medida em que a obra de arte “nasce no momento em que o autor se engana e quer enganar”, a crítica psicanalítica “tem razão em procurar sempre, na raiz, um fato que o autor quis esconder ou transfigurar”<sup>22</sup>.

Benjamin, querendo ou não, acaba por tomar uma posição no interior desse debate. Se, entretanto, ele concorda com Quint e Rivière, de que é fecundo e importante aproximar Proust e Freud, discorda deles em pontos importantes. O principal é que, nem Quint, nem Rivière, apesar das alusões a Freud, ou não tocam na questão do sadismo (é o caso de Rivière) ou quando tocam (o caso de Quint), o fazem muito mais em nome do saber médico-psiquiátrico, do que da psicanálise. Daí a associação, em ambos, entre Freud e a psiquiatria: a caracterização de Freud como um cientista a serviço da renovação da psiquiatria (em Quint) e, no diapasão do argumento de Rivière, como um “espírito positivo” no sentido comtiano. Entretanto, retomando a crítica de Rivière à crença nas “*Sirènes intérieures*” (“sereias da interioridade”), desagrada a Benjamin a insistência na caracterização de Proust, presente sobremaneira em outros artigos da *Hommage*, seja como um “analista”, um observador sagaz e crítico dos costumes e da conduta humana em continuidade com Pascal ou Montaigne, tal como o afirma Louis Martin-Chauffier em “Marcel

17. *GS*, IV-2, p. 575.

18. *GS*, II-1, p. 322; *OE*-1, p. 47.

19. *Les Cahiers Marcel Proust. Hommage a Marcel Proust*. Paris: NRF-Gallimard, 1927, 5 ed., p. 170.

20. *Idem*, pp. 172-173.

21. *Idem*, p. 175.

22. *Idem*, pp. 175-176.

Proust analista”, seja como o “extraordinário” psicólogo das paixões, sentimentos e emoções humanas, tal como no artigo apologético de Edmond Jaloux, “Sobre a psicologia de Marcel Proust”. Tanto em uma carta ao crítico Max Rychner, quanto na conversa com Adrienne Monnier, de 10 de fevereiro, consignada no “Diário”, Benjamin demarca sua distância em relação a essas “imagens”. Na carta a Rychner: “Certamente nossa pesquisa alemã sobre Proust será bem diferente da francesa. Em Proust vive ainda algo muito maior e mais importante do que o ‘psicólogo’, que é na França, tanto quanto eu vejo, quase que exclusivamente a maneira como se fala dele”<sup>23</sup>. A Adrienne Monnier, ele diz que seu interesse por Proust não é “nem o lado psicológico, nem a tendência analítica, mas o lado metafísico de sua criação (*Dichtung*) (...), que ainda permanece desconhecido”<sup>24</sup>. Incisiva distância, já assinalada desde os “Papiere”: “(...) nem análise psicológica, nem crítica social, nem senso de observação são constantes proustianas (...) O selo de sua obra, escondido nas dobras do seu texto (*textum* = tessitura) é a lembrança”<sup>25</sup>.

É no interior deste quadro, que coincide com a introdução da Psicanálise na França e cuja complexidade nos é restituída, nas suas grandes linhas (o cruzamento entre a via médico-psiquiátrica e a via literária), por Elisabeth Roudinesco<sup>26</sup>, que Benjamin escreve suas anotações sobre o sadismo em Proust. Entretanto, Benjamin já chega a Paris com um “certo” Freud na bagagem, o Freud que emerge das suas discussões com Adorno, com Ernst Bloch, entre outros. Um Freud, em aspectos decisivos, bastante diferente do de Paris. Numa palavra, o Freud crítico da cultura e, ao mesmo tempo, aliado na crítica ao “primado da teoria do conhecimento” presente nas principais tendências da filosofia na época, seja no neo-kantismo de Marburg, na fenomenologia de Husserl, ou ainda na filosofia da ciência professada no Círculo de Viena. Obviamente, faço aqui uma caracterização muito geral, que passa por cima das diferentes leituras que cada um desses pensadores fez de Freud. Sua finalidade é, tão-somente, apontar para as diferentes apropriações de Freud nesta mesma época. Enquanto na França as vias “literária” e “médico-psiquiátrica” se cruzavam, o círculo próximo a Benjamin, na Alemanha, enfatizava a distância entre Freud e a herança positivista presente no conhecimento médico-psiquiátrico. Penso que a leitura benjaminiana de Freud é atravessada por esses debates.

Chegamos, enfim, à noite “mais memorável”, aquela com M. Albert. Num encontro mediado pelo amigo D., eis Benjamin, em companhia de Franz Hessel, na sauna da rue St. Lazare, de propriedade do amigo de Proust. “D” os apresenta como os “tradutores de Proust para o alemão”. Apresentação formal e solene que, sem

23. Walter Benjamin. *Briefe*, vol. 1, op. cit., p. 485.

24. *GS*, IV-1, p. 584.

25. *GS*, IV-2, p. 1057.

26. Elisabeth Roudinesco. *Histoire de la psychanalyse en France*, 2. Paris: Fayard, 1994.



dúvida, mascarava a “curiosidade” do próprio Benjamin em conhecer alguém que fora tão íntimo de Proust. Do relato, cito a seguinte passagem:

A questão, o que resultaria, se uma das paixões (*Passionen*) de Proust – entre as quais, certamente, uma famosa cena com Mademoiselle Vintueil se aproxima bastante – pudesse estar a serviço das interpretações de sua obra, me interessa muito pouco. Ao contrário, parece-me que a obra de um Proust contém uma referência ao caráter geral, mesmo se muito encoberto, do sadismo. Para isso, parto da insaciabilidade de Proust na análise dos pequenos acontecimentos. Também de sua curiosidade, que está muito próxima do sadismo. Que o curioso, na forma de questões repetidas, sempre com o mesmo conteúdo, pode tornar-se um instrumento na mão do sádico – o mesmo instrumento que as crianças, inocentemente, têm nas mãos – nós sabemos por experiência. A relação de Proust com a existência tem algo dessa curiosidade sádica. Há passagens, nas quais, em certa medida, ele dá expressão à vida com suas perguntas, outras, nas quais ele se coloca diante dos fatos do coração como um professor (*Lehrer*) sádico diante da criança intimidada, que fica entre a carícia e a tortura, para coagi-la a revelar um segredo presumido, “que” talvez nunca “tenha sido” real. Em todo caso, nesta unidade convergem as duas grandes paixões (*Leidenschaften*) do homem, a curiosidade e o sadismo: não se está contente com nenhum resultado, para farejar nele algo ainda mais minúsculo e assim por diante até o infinito, no qual, com sua grandeza diminuída, aumenta-se o significado do que foi descoberto – isso me passou pela cabeça enquanto M. Albert esboçava para mim o desenvolvimento de suas relações (*Bekanntschafi*) com Proust. Sabe-se que após terem se conhecido, Proust instalou para ele, durante algum tempo, uma casa de encontros (*Maison de Rendez vous*). Esse estabelecimento foi para o poeta (*Dichter*), ao mesmo tempo, *pied-à-terre* “pousada, em francês no original-EC” e laboratório. Aqui ele se instruiu muito melhor também através do olho mágico (*Augenschein*), sobre todas as especialidades da homossexualidade, aqui foram feitas as observações que ele, posteriormente, utilizou na descrição de Charlus sendo açoitado, para cá Proust doou móveis de uma tia morta, para lamentar seu final inconveniente como mobiliário de um bordel em “À l’ombre des jeunes filles en fleurs”.<sup>27</sup>

O que pode nos dizer essa observação de Benjamin?

Em primeiro lugar, sua recusa em saber se a biografia ajuda a compreender a obra parece desmentida pelo resto do texto. Mas, lido atentamente, o que esse trecho nos mostra é que o lugar da biografia, da vida, é outro. A biografia não é, decididamente, o ponto onde a obra encontra sua explicação. Ao contrário: são os contornos da obra que tornam a vida legível, que dão sentido à biografia. Quando Benjamin recomenda a tradução para o alemão da biografia de Proust escrita por Quint, ele esclarece: “A biografia deste homem é plena de significado, na medida

27. GS, IV-2, pp. 577-578.

em que ela mostra como aqui, com a mais rara extravagância e destemor, uma vida recebeu completamente sua lei das necessidades da sua criação”<sup>28</sup>. Para o público alemão, que acabara de receber a péssima tradução do “Côté de chez Swann”<sup>29</sup>, a compreensão da obra de Proust precisava dar um passo inicial, trilhar o “caminho orgânico mais próximo”, que é a vida do autor, “a vida do mais singular dos nossos contemporâneos”. O que não significa, acrescenta ele, que o público francês também não precise disso, pois mesmo na França “Proust não se impôs com facilidade”.

Por que não se trata, neste caso, de uma mera inversão nas relações entre vida e obra? Ora, é preciso ter em vista aqui, antes de mais nada, dois procedimentos muito usuais na época, o da “psicobiografia” ou da “patografia”, cuja finalidade era explicar a obra a partir da “neurose” do autor, desconhecendo o lugar da criação, da “ficção” e aquele que reduzia o autor à sua posição de classe do autor. Benjamin tenta escapar a esses dois reducionismos sem, entretanto, desprezar a vida, o dado biográfico, como elemento importante, mas tentando estabelecer uma outra relação entre vida e obra, ou melhor, entre obra e vida, do mesmo modo em que reconhece as implicações de classe sem, entretanto, absolutizá-las. Como isso se dá?

36

Benjamin é suficientemente claro: a obra de Proust não faz uma referência, antes de tudo, ao “sadismo de Proust”, mas “ao caráter geral do sadismo”, ou seja, falando com Freud, ao sadismo como constitutivo da vida libidinal de todo e qualquer sujeito. Este “caráter geral do sadismo” se expressa na “insaciabilidade na análise dos pequenos acontecimentos”, na “curiosidade muito próxima do sadismo”, do autor-Proust. Mas, imediatamente, depois da observação acerca do autor-Proust, Benjamin faz referência a uma experiência – a relação entre a criança curiosa e o sádico – que “nós”, diz ele, qualquer um de nós, conhecemos. Passagem do autor para o “nós” e, logo em seguida, retorno ao autor: “A relação de Proust com a existência tem algo dessa curiosidade sádica”. “Tem algo”, ou seja, a relação de Proust com a existência não é sádica por excelência, mas “tem algo” da “curiosidade sádica” que “nós” todos conhecemos por experiência. E os exemplos dessa relação são tirados da escrita da obra, e não diretamente da vida. É a partir da obra que se poderia, então, indicar dois diferentes destinos da curiosidade: ora ela dá expressão à vida, ora também faz com que o seu autor se comporte, muitas vezes, como o “sádico professor” (*Lehrer*) diante da “criança intimidada”. “A criança intimidada”

28. *GS*, IV-2, p. 1058.

29. *Der Weg zu Swann*. Trad. de Rudolf Schottländer. Berlin: Die Schmiede, 1926. Ernst Robert Curtius diz que o tradutor não conhece nem Proust, nem a língua francesa (cf. “Marcel Proust”. *Die Neue Merkur*, Februar 1922).

tem aqui, sem dúvida, um sentido indeterminado e geral. Entretanto, uma passagem da *Crônica Berlinense*, as “memórias” de Benjamin, nos mostra que essa “criança intimidada” é também o próprio Benjamin. Refiro-me ao trecho em que Benjamin conta sua experiência, como aluno do 1º grau, na “Kaiser-Friedrich Schule” de Berlim. Experiência extremamente marcada pelo desprazer, a começar pela descrição do prédio da escola, feio na sua austeridade, até chegar à relação com os professores. Benjamin deplora, por exemplo, a exigência de cumprimentar os professores na rua, tirando o boné. Ele via nisso algo desmesurado, como se o professor fosse um íntimo, como se a escola fosse a casa e a casa, a escola. Finalmente, sobre a “disciplina” da escola, ele escreve: “E se eu conheci as formas antiquadas de disciplina na escola – pancada (Prügel), mudança de carteira (Platzwechsel) ou detenção (Arrest) – apenas nos primeiros anos, o medo (Schrecken) e a violência (Bann) que, nesses anos, me cercavam, nunca foram superados”<sup>30</sup>. É só depois desse movimento vertiginoso, que vai do autor-Proust ao “nós”, deste “nós” ao autor-Proust, passando, sem que ele o diga, pela “criança Benjamin”, que Benjamin chega ao fato da vida, ao fato de que Proust custeou o bordel de M. Albert. Mas, fiel ao princípio de que “as leis desta vida são dadas completamente pelas necessidades da obra”, Benjamin afirma que o bordel foi, antes de mais nada, uma “pousada” e uma espécie de “laboratório” onde, através de um “olho mágico”, Proust vai entrar em contato com a matéria-prima das cenas no bordel de “Jupien”, narradas no “Temps retrouvé”.

Entretanto, no relato “exclusivo” a Scholem, há um dado biográfico que não aparece no “Diário”:

Aqui, onde sua [de Proust-EC] identidade burguesa (*bürgerliche Person*) permaneceu, conscientemente, desconhecida, foi-lhe dado o apelido de *l’homme aux rats* [em francês, no original]. Explicando: Proust pedia aos jovens, que ele conhecia no bordel de M. Albert, que torturassem ratos que ele lhes apresentava numa gaiola, com longas agulhas, por todas as partes, das mais diversas e monstruosas maneiras. Ao lado dessa bárbara efetivação de seu sadismo, M. Albert expôs, sem ter em vista seu contraste especial, algo comovente: como Proust, uma manhã, passou em seu coche todo fechado por um matadouro, viu um jovem açougueiro, que lhe agradou, cortando carne e, por isso, deixou horas seu carro parado no lugar. Não tenho muito interesse na questão, o que se descobriria se essa paixão de Proust (da qual, entre outras, a conhecida e empolgante cena com Mademoiselle Vinteuil se aproxima) servisse a uma interpretação de sua obra (...).<sup>31</sup>

30. GS, VI, p. 508.

31. GS, IV-2, p. 589.

Nesse relato, que não era destinado à publicação, o argumento é o mesmo, mas a argumentação tem uma outra ordem. O dado biógrafo, ao contrário do “Diário”, antecede a recusa da biografia como chave explicativa da obra, embora a idéia da obra imprimindo a lei à vida (o bordel como “laboratório”) permaneça. Além disso, há ainda duas novidades: a origem do apelido de Proust como “l’homme aux rats” (sic!) e a referência ao apagamento “consciente” da sua “identidade burguesa”. Benjamin entrelaça, decididamente, vida e obra, mas sem reduzir a vida às “sereias da interioridade”, para retomar a expressão de Rivière. O ocultamento da “identidade burguesa”, o jogo das máscaras sociais, é fundamental na *Recherche*. E se, para Benjamin, Proust não é um burguês decadente, conservador e esnobe é porque, entre outros motivos, ele não hesita, com acidez, mas também com ironia e muito bom-humor, em pintar o retrato de sua própria classe, tomando o seu próprio retrato como modelo. Se o dado biográfico é instrutivo, se ele também está ali, nas “dobras” da obra, ele não é, porém, a “determinação em última instância”. Domínios interpenetráveis, mas também autônomos, vida e obra podem se iluminar reciprocamente, nunca em harmonia, sempre em tensão, como dois “extremos” que, talvez, só se toquem pelo “avesso”:

As cem portas, que abrem a entrada para o mundo [de Proust], não podem ser fechadas: a idéia de envelhecimento, a afinidade entre homens e plantas, sua imagem do século dezenove, seu sentimento pelo mofo, pelo resto e coisas do gênero. E, como eu me deixo cada vez mais penetrar por pensamentos, deve-se, para entender Proust, partir incondicionalmente do fato de que seu objeto seria o lado do avesso, *le revers* [em francês, no original] – menos o avesso do mundo, do que o da própria vida.<sup>32</sup>

Por que Benjamin pode identificar o sadismo na *Recherche* mais com a “curiosidade” do que, propriamente, com a profanação da fotografia de M. Vinteuil por sua filha e a amiga ou com as cenas no bordel de Jupien? Por que Benjamin destaca, como o comportamento “sádico” *par excellence* na *Recherche* o do narrador curioso, e não o dos personagens que protagonizam cenas de sadismo? Responder a essas questões nos leva, de volta, às “especulações” freudianas.

\*  
\* \*

Em *Além do princípio do prazer*, mais exatamente no cap. VI, a questão do sadismo ocupa um lugar fundamental. Aliás, nesse capítulo, Freud tenta tornar mais

32. GS, IV-2, p. 584.

claro o conceito de “pulsão de morte”. Não por acaso, o capítulo se abre retomando a discussão sobre a questão da morte – a causa da morte é, exclusivamente, interna ao organismo? – na biologia da época, já introduzida desde o primeiro capítulo. Para tentar resolver este dilema, pois as respostas da biologia não lhe parecem satisfatórias, Freud faz, mais uma vez, uma revisão de sua teoria, agora sob o ângulo da teoria das pulsões. Se, no início, a partir da análise das neuroses de transferência e tomando como modelo o popular “Hunger und Liebe”, “Fome e Amor”, foi feita a diferença entre as pulsões do Eu e a pulsão sexual, para depois, a partir da problemática do narcisismo, mostrar-se que a diferença entre as duas pulsões é apenas de natureza “tópica”, pois o Eu, embora não seja redutível ao sexual, também é investido sexualmente, resta saber agora como entender esse quadro a partir da hipótese da existência de uma “pulsão de morte”. Os dois primeiros passos da teoria das pulsões tinham resultado em dois ganhos consideráveis: o primeiro, implicou um alargamento do conceito de sexualidade, sem o qual a própria psicanálise não teria sido criada; o segundo, por sua vez, mostrou a existência de um “narcisismo originário” como constitutivo do próprio sujeito. Ora, em relação ao terceiro passo – reafirmando (contra o “monista” Jung, principalmente) seu “dualismo” pulsional – Freud diz que nada garante o mesmo “grau de certeza” dos dois primeiros<sup>33</sup>. Não por acaso, toda a parte final deste capítulo é uma longa e importantíssima reflexão epistemológica, onde Freud não hesita em afirmar, de maneira tão claramente anti-cientificista, o inevitável “grau de incerteza” de uma teoria, o “caráter raramente a-partidário” do cientista e a consideração da linguagem científica como uma “linguagem imagética” (*Bildersprache*)<sup>34</sup>.

O que os capítulos anteriores haviam afirmado, de maneira peremptoriamente psicanalítica, era, a partir da análise dos sonhos nas neuroses traumáticas (especialmente nas neuroses de “guerra”) e dos jogos infantis, a presença de uma “compulsão à repetição” (*Widerholungszwang*) na vida psíquica. Entretanto, de acordo com a teoria das pulsões até então vigente, era lícito afirmar que a “compulsão à repetição” se restringia às “pulsões do Eu”, que se “deixavam impulsionar” em direção à morte, enquanto as “pulsões sexuais”, ao contrário, se destinavam à continuação da vida. Ora, o que Freud pretende é, justamente, relativizar a idéia de que entre “pulsão de vida” e “pulsão de morte” existe apenas essa grande contraposição, para se perguntar se a “compulsão de repetição” também não se faria presente nas “pulsões sexuais”. É neste ponto que a questão do sadismo encontra seu lugar. É como se às duas “descobertas” anteriores – à de um conceito mais amplo de sexualidade e à da constatação de que o próprio Eu é investido

33. GW, XIII, p. 64.

34. GW, XIII, pp. 64-66.

sexualmente – se acrescentasse, enfim, uma terceira: a de que o próprio objeto do amor nos mostra uma outra polaridade, aquela entre amor (*Liebe*) e ódio (*Hass*), entre ternura (*Zärtlichkeit*) e agressão (*Aggression*). Mas, como o próprio Freud reconhece, essa não se trata de uma efetiva descoberta, mas de reafirmar algo que já está presente desde o início da Psicanálise e que encontrou sua primeira sistematização nos “Três ensaios...”, ou seja, a da afirmação do sadismo como um componente da pulsão sexual.<sup>35</sup> A questão, a partir do terceiro momento da teoria das pulsões, é formulada da seguinte maneira:

“Como se deve, então, derivar o impulso sádico, que visa o prejuízo do objeto, do Eros conservador da vida?”, para acrescentar como possível resposta, numa nova pergunta, “se este sadismo não seria, de fato, uma pulsão de morte, que foi desviado através da influência da libido narcísica do Eu e, desse modo, se manifesta no objeto?”<sup>36</sup>

É neste ponto da argumentação, quando Freud relembra ao seu leitor que o sadismo sempre foi considerado por ele como um componente inalienável da “pulsão sexual”, que retornamos a Benjamin. A referência aos “Três ensaios...” parece-me fundamental e isso, por dois motivos:

1) Porque já ali, Freud estabelece uma relação indissociável entre sadismo e masoquismo (embora ainda estejamos longe da formulação de um “masoquismo primário”), destacando seu “lugar especial” entre as perversões, na medida em que “a oposição entre atividade e passividade que lhes fundamenta pertence ao *caráter geral da vida sexual*”<sup>37</sup>. Além disso, Freud enfatiza que “a propriedade mais característica desta perversão está no fato de que sua forma ativa e sua forma passiva podem ser encontradas, conjuntamente, em uma mesma pessoa. Quem experimenta prazer em produzir no outro dor nas relações sexuais é também capaz de fruir da dor como prazer, que pode crescer a partir das relações sexuais. Um sádico é sempre e, ao mesmo tempo, um masoquista, embora a parte ativa ou passiva da perversão possa ser mais forte e representar a sua atividade sexual dominante”<sup>38</sup>. Acredito que a partir da referência de Freud, Benjamin foi levado aos “Três ensaios...”, pois esse tipo de afirmação é fundamental para que ele possa pensar num “caráter geral do sadismo”, entendendo-se “caráter” num sentido muito próximo do de Freud, tanto como um componente da vida libidinal, quanto como uma certa maneira de relação com a existência, o que exclui sua imediata consideração em termos morais.

35. GW, XIII, p. 58.

36. GW, XIII, p. 58.

37. GW, V, p. 58. Grifos meus.

38. GW, V, pp. 58-59. Ver ainda, Judith Le Soldat, *Freiwillige Knechtschaft. Masochismus und Moral*. Frankfurt: Fischer, 1989, pp. 66-84.

Além disso, ele pode pensar a questão do sadismo como inseparável da do masoquismo e, com isso, se afasta da concepção proustiana de sadismo, que ignora sua relação com o masoquismo.

2) Porque desde então, Freud relaciona, num mesmo argumento, excitação libidinal, “prazer em ver” (*Schaulust*), “curiosidade sexual” (*sexuelle Neugierde*) e impulso “artístico” (*Künstlerisch/trieb*). Ao lado do “tocar”, “a impressão óptica permanece o caminho no qual a excitação libidinal é despertada de maneira mais forte e, nesse andamento – se for permitido esse modo teleológico de consideração –, a seleção é feita, na medida em que ela permite que o objeto sexual se revele como belo. O ocultamento do corpo correspondente ao progredir da cultura, mantém desperta a curiosidade sexual, que, depois, aspira a completar o objeto sexual por meio do desocultamento da parte encoberta, mas que pode ser desviada (sublimada) para o artístico, quando é possível desviar o interesse dos genitais para a forma corporal como um todo”<sup>39</sup>. Passagem fundamental, sobre a qual poderíamos fazer diversas observações. Prendo-me à mais importante, no momento: nas perversões, o “ver” (voyeurismo) e o “ser visto” (exibicionismo) são decisivos. Na sua forma ativa, o sadismo, o “prazer em ver”; na sua forma passiva, o masoquismo, o “prazer em ser visto”. Em “As pulsões e seus destinos”, esse jogo entre “ver” e “ser visto” comporia um processo, com as seguintes fases: a) o “ver” como “atividade” dirigida para um objeto exterior; b) a abdicação do objeto, mudança da direção da pulsão de ver, que se volta agora para uma parte do próprio corpo e, com isso, a inversão para a “passividade” e a colocação de um novo objetivo, o ser visto; c) a constituição de um novo “sujeito”, que se “mostra” para ser “observado” por outro.<sup>40</sup>

Ora, tomando esses dois pontos, começamos a desfazer o mistério que cerca as observações de Benjamin acerca do sadismo em Proust. Quando se fala, em geral, em sadismo na *Recherche*, parte-se, invariavelmente, das indicações do próprio Proust e, assim, o sadismo é visto a partir das “cenas de sadismo” e como se “sádicos” fossem apenas os protagonistas destas cenas. O “narrador”, observador contumaz de tais cenas, “curioso” por excelência, jamais é considerado “sádico”. Mas é exatamente ele que é visado na interpretação de Benjamin. É a sua “curiosidade”, a sua “pulsão de ver” – ou seja, o que está nas “dobras” da obra – que vai permitir que possamos falar tanto da relação sádica do autor-Proust com a existência, quanto do sadismo que habita cada um de nós. Faço notar aqui, além disso, que Benjamin jamais emprega a palavra “perversão” quando se refere ao sadismo, mas sempre “paixão”, seja por meio da palavra latina *Passion*, seja por meio da palavra alemã *Leidenschaft* ou ainda, de “vício” (*Last*), parafraseando o próprio Proust que diz empregá-la, logo no início de *Sodoma e Gomorra*, “por uma

39. *GW*, V, p. 55.

40. *GW*, X, p. 222.



comodidade de linguagem”<sup>41</sup>. É como se Benjamin quisesse dizer que uma “relação sádica” com a existência não implica, ainda, que essa “paixão” seja uma “perversão”. Novamente lembramos que o próprio Freud só considera o sadismo como perversão quando ele deixa de ser o “componente agressivo da pulsão sexual” para se tornar o modo de expressão “autônomo, exagerado, excessivo” da pulsão sexual na vida de uma pessoa.<sup>42</sup>

A “curiosidade” infantil – de onde vêm as crianças? será que posso vir a ser castrado? será que fui castrada?<sup>43</sup> – transforma-se numa verdadeira “pulsão de pesquisa” (*Forschungstrieb*) ou ainda numa “pulsão de saber” (*Wisstrieb*), tal como se pode ler em *A disposição à neurose obsessiva*<sup>44</sup>. Neste texto, onde mais uma vez é enfatizada a relação entre “pulsão parcial de pesquisa” e organização anal-sádica, Freud afirma ser possível pensar que a “pulsão de saber” substitui, no mecanismo da neurose obsessiva, o sadismo. *Wisstrieb* é uma palavra que Freud já tinha à sua disposição no vocabulário da língua alemã. *Wisstrieb* refere-se, justamente, “ao desejo (*Begierde*), ao anseio (*Verlangen*) em saber, em tomar conhecimento de algo”, um “desejo infantil de saber”<sup>45</sup>. Ainda no dicionário, “curioso” (*Neugier*) significa “ser dominado pelo desejo de saber algo determinado, introduzindo-se em ocasiões e lugares”, atitude que diz respeito especialmente “às outras pessoas e suas vidas privadas”, podendo referir-se ainda à “curiosidade acerca do sexual” e ao “desejo de saber (*Wissbegierde*) do pesquisador”. Conjunto de significações que podem muito bem servir ao “narrador” da *Recherche*, um misto de criança infatigavelmente curiosa e pesquisador obsessivo.

Ao não levar em consideração a, pode-se dizer, teoria proustiana do sadismo (que não discutimos aqui), Benjamin permite que leiamos a *Recherche* como o desvelamento, por parte do narrador, da “curiosidade” que lhe é constitutiva. Podemos observar que também nesse caso será possível distinguir entre a “visão de Marcel, o herói, cuja iniciação à vida podemos seguir” e uma outra visão, “a do outro Marcel”, “o narrador”<sup>46</sup>, entre o “jovem herói” que não se reconhece como

41. Cf. a respeito, Lucille Cairns. “Homosexuality and lesbianism in Proust’s *Sodome et Gomorre*”. *French Studies*, vol. LI, nº 1, January 1997.

42. *GW*, V, p. 57.

43. Referindo-se ao “Homem dos lobos”, Freud escreve: “Sua pesquisa sexual (*Sexualforschung*) (...) formulou, essencialmente, dois problemas, de onde vêm as crianças e se é possível uma perda dos genitais (...)” (*GW*, XII, p. 143).

44. *GW*, VIII, p. 450.

45. *Duden. Das grosste Wörterbuch der deutschen Sprache*, Band 6. Mannheim/Wien/Zürich, 1981, p. 2892.

46. Cf. Charlotte Schapira. “Narration et réception du texte proustien: Marcel et Saint-Loup dans ‘A la recherche du temps perdu’”. *Studi Francesi*, 107, Maggio-Agosto 1992.



“curioso” (como nos primeiros tomos da *Recherche*) e o “narrador” do “Temps retrouvé”, capaz de reconhecer essa “curiosidade” inesgotável e sempre insatisfeita.

Na primeira cena de sadismo da *Recherche*, aquela entre Mlle. Vinteuil e sua amiga, o “eu” (*je*), o “jovem herói”, assiste à cena, como que por acaso. Era um dia quente, os pais iam chegar tarde e haviam permitido ao “jovem herói” retornar à casa (a Combray) quando desejasse. Assim, ele vai até ao charco de Montjouvain, onde ficava a casa de Mlle. Vinteuil, pois “gostava de rever os reflexos do telhado”. Acaba deitando e adormecendo diante da janela de Mlle. Vinteuil e, quando acorda, assiste à cena da profanação do retrato do recém-falecido M. Vinteuil<sup>47</sup>. É ainda mais surpreendente observar, que na primeira parte de “Sodoma e Gomorra” quando, mais uma vez, o “petit Marcel” assiste, sem ser visto, a mais um encontro homossexual, agora entre o “Barão de Charlus” e “Jupien”, sua “curiosidade” também não seja mencionada, embora a narrativa não economize os detalhes do esforço que ele faz para poder “ver” e “ouvir” o que “Charlus” e “Jupien” faziam e conversavam. E se ele não foi visto, isso se deve muito mais ao “acaso” do que à sua “sagacidade”. A dificuldade lhe lembra a cena de Montjouvain, quando “ele estava escondido diante da janela de Mlle. Vinteuil”<sup>48</sup>. Nesta longa e famosa passagem sobre a “raça maldita”, a única menção à “curiosidade” diz respeito ao “Barão”, “curioso” em saber se “Jupien” conhecia o “jovem entregador” da pequena loja em frente.<sup>49</sup>

No “Temps retrouvé”, ao contrário, não só a “curiosidade” será assinalada com frequência, como também é atribuída ao “jovem Marcel”. Isso pode ser explicado pela sua posição na estrutura da *Recherche*. Ou seja, é apenas aqui, no último volume, que “a voz do herói se apaga em proveito daquela, até então, intermitente, do narrador”<sup>50</sup>. Desta perspectiva, considerando-se a *Recherche* um processo de aprendizagem, um engajamento na busca da verdade<sup>51</sup>, é como se, pouco a pouco, o “jovem herói” fosse afinando o discernimento a respeito de si mesmo. Mas, como já assinalara Paul Ricoeur, ao contrário do “romance de aprendizagem tradicional”, a *Recherche* “rompe com a visão otimista de um desenvolvimento contínuo e ascendente do herói em busca de si-mesmo”<sup>52</sup>. Trata-se, antes, de um processo de crescente “desilusão”, em que se acumulam tristeza e decepção. É só nesse momento que a voz do “narrador” desnuda aquilo que o “jovem herói” via como produto do acaso ou de sua sagacidade. A “desilusão” é o preço pago pela “curiosidade”, pelo “desejo de saber”. O “gozo” e o sofrimento caminham juntos.

47. *A la recherche du temps perdu*, I. Paris: NRF, 1929, p. 220 e ss.

48. *A la recherche du temps perdu*, IV. Paris: NRF, 1930, p. 16.

49. *Idem*, p. 19.

50. Eugène Nicole. “Préface” a Marcel Proust, *Le temps retrouvé*. Paris: Le Livre de Poche, 1993, p. 8.

51. Gilles Deleuze. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

52. Paul Ricoeur. *Temps et récit*, II. Paris: Seuil, 1984, p. 198.

A “curiosidade” de “Marcel” se multiplica indefinidamente: “curiosidade em saber” os motivos das “mudanças” de humor de “Gilberte” à espera de “Saint-Loup”, seu marido<sup>53</sup>; “curiosidade” em saber, por “Gilberte”, se “Albertine amava as moças”<sup>54</sup>; “curiosidade e admiração, meio mundana, meio zoológica”, inspiradas por “Saint-Loup”<sup>55</sup>. Finalmente, podemos acompanhar a narrativa do “Marcel” convalescente, em visita a Paris durante a guerra, à procura de um hotel, em meio à cidade quase deserta e às escuras. Sua “curiosidade” por tentar identificar um vulto na escuridão, leva-o diante do único hotel em funcionamento nas redondezas. O “vulto” era Saint-Loup. O que faria ele, naquele lugar, àquela hora? É para satisfazer esta “curiosidade” que “Marcel” entra no hotel, exatamente o bordel de “Jupien”, financiado pelo “Barão”. É ela que lhe impele a ouvir conversas e ver, pelo “olho mágico” – facilitado pelo próprio “Jupien” – as cenas do “Barão” sendo açoitado pelo jovem “Maurice”. “Curiosidade” que não deixa de estar misturada a uma “inquietação”<sup>56</sup>, a uma situação angustiante, diríamos com Freud, que só poderia ser satisfeita recorrendo-se a ardis e subterfúgios para, “na obscuridade”, “poder perceber sem ser visto”. “Curiosidade” sim, mas também “desilusão”, dor, sofrimento, pois “Gilberte”, que fora tão amada por “Marcel”, revela-se mesquinha e fria, renegando o próprio pai e parecendo não se importar com a chegada do marido, que vinha do *front*. Do mesmo modo, talvez seja ela também farsante e mentirosa, pois defende “Albertine” da suspeita de lesbianismo. Mas, não será ela mesma “gomorreana”? “Saint-Loup”, por sua vez, tão respeitável e viril no seu uniforme de oficial, ex-amante da atriz “Raquel” e casado com “Gilberte”, vive sua homossexualidade às escondidas. “Charlus”, além de homossexual, é sádico, germanófilo e antissemita. É todo um mundo de aparências, de frivolidade e esnobismo, que a “curiosidade” leva ao colapso. A “curiosidade”, que fizera o narrador, ao longo de sua trajetória, ouvir e ver sem ser visto, saltar muros, espiar por janelas e “olhos mágicos”, interpelar conhecidos e desconhecidos, certamente é correlata da sua “pulsão de pesquisa”, desembocando numa refinada reflexão sobre a vida e a morte, sobre o tempo e a eternidade. Mas ela também é indissociável da “curiosidade” do burguês que se esconde sob a máscara do “homme aux rats” e dos seus impulsos sádicos que, ironicamente, encontram um paralelo impressionante no “homme aux loups”, de Freud, que “dirigia suas tendências sádicas contra pequenos animais”<sup>57</sup>, como forma de escapar ao reconhecimento da diferença sexual.

53. *A la recherche du temps perdu*, VII. Paris: NRF, 1932, p. 14.

54. Idem, p. 19.

55. Idem, p. 16.

56. Idem, pp. 156-157.

57. *GW*, XII, pp. 143-144.

Na medida em que não escapou a Benjamin a questão da “homossexualidade de Proust”<sup>58</sup> que, segundo inúmeros testemunhos, fora vivida com muita dificuldade, lembremos a análise de Freud em relação ao seu “homme aux loups”: a erótica anal é duplamente prejudicada, seja pelo sadismo, pois seu significado “terno” é transformado em “ofensivo”, seja pelo masoquismo, pela introdução do sentimento de culpa<sup>59</sup>. Fundada num traço sadomasoquista – consequência do recalçamento da erótica anal pelas exigências da cultura – a “vontade de saber” (para retomar uma expressão cara a Michel Foucault) contém, por isso mesmo, um elemento de violência, agressividade e destruição, pois ilimitada na sua incontrolável pulsão de tudo “ver”, de tudo “desmascarar”, de tudo “compreender” e “explicar”.

A nota aos “Três ensaios...”, nos levou a elucidar a ênfase na relação entre sadismo e curiosidade, que se encontra em Benjamin. Entretanto, de volta a “Além do princípio do prazer”, é preciso ainda se perguntar pela relação entre sadismo e pulsão de morte.

A pressuposição de que existe algo “além” do princípio do prazer decorre da constatação, “após vinte e cinco anos de trabalho”, de que não há uma “predominância (*Herrschaft*) do princípio do prazer no decorrer dos processos psíquicos”, pois “se uma tal predominância existisse, a grande maioria dos nossos processos psíquicos deveria ser acompanhada de prazer ou conduziram ao prazer, enquanto, de fato, a experiência em geral contradiz, energicamente, essa conclusão”<sup>60</sup>. Entretanto, não é nem o “princípio de realidade”, nem o “conflito e a divisão do aparelho psíquico” que se constituem nesse “além” (pois ambos ainda estão a serviço do princípio do prazer), mas a “compulsão de repetição”. Isso porque as “vivências do passado” que são trazidas de volta por este movimento compulsivo não contém “nenhuma possibilidade de prazer”, para nenhuma instância psíquica. A esta primeira caracterização Freud acrescenta algo decisivo: a “compulsão de repetição” não é um processo restrito ao âmbito da “pulsão de morte”, mas está também presente na “pulsão de vida”. Ambas as pulsões são atravessadas por esse “caráter demoníaco”, por essa “compulsão demoníaca”<sup>61</sup>, ambas expressam a mesma tendência da vida psíquica à “redução (*Herabsetzung*), à conservação da constância (*Konstanterhaltung*), à superação (*Aufhebung*) das tensões entre os estímulos internos” ou do “Princípio do Nirvana”<sup>62</sup>. O que pode ser constatado, antes de tudo, no próprio princípio do prazer, bastando como exemplo disso o prazer

58. “Prousts Homosexualität”, lê-se numa anotação dos “Papiere” (*GS*, II-3, p. 1062). O genitivo não deixa dúvidas de que se trata da homossexualidade “de Proust” e não “na obra de Proust”.

59. *GW*, XII, p. 143.

60. *GW*, XIII, p. 5.

61. *GW*, XIII, p. 36 e 37 respectivamente.

62. *GW*, XIII, p. 60. Essa identidade com o “Princípio do Nirvana”, não esqueçamos, nem provém de Freud, nem será mantida por ele durante muito tempo.

sexual, essa “pequena morte”. Tal constatação, diz Freud, é o indício mais forte da existência de uma “pulsão de morte”. Em conseqüência, a parte mais “obscura” de toda Psicologia<sup>63</sup>, a questão das pulsões, pode, pelo menos provisoriamente, receber o seguinte esclarecimento: toda pulsão quer repetir um estado anterior e, portanto, o seu efetivar-se é uma regressão. A “pulsão de morte”, pela “eliminação de todas as tensões químicas” (*Abgleichung chemischer Spannungen*), visa a regressão ao estado inorgânico, ou seja, à repetição de um estado de absoluta ausência de tensão. A “pulsão de vida”, por sua vez, é impulsionada pela repetição dos “inícios da vida orgânica”, ou seja, quando dois embriões diferentes se juntam para dar continuidade à vida, regressão, desta feita, a um estado de unidade primitiva, originária.<sup>64</sup>

No interior deste quadro, o sadismo ganha uma posição estratégica, pois seu percurso atesta o progressivo e silencioso trabalho da “pulsão de morte”: no “estágio de organização oral da libido, a preponderância do amor (*Liebesbemächtigung*) ainda coincide com a destruição do objeto, posteriormente, a pulsão sádica se separa [na organização anal-sádica] para, finalmente, no estágio do primado genital, visando a reprodução, [passa a ter] a função de violentar o objeto sexual tão intensamente quanto a execução do ato sexual o exija”<sup>65</sup>. Assim sendo, é o sadismo (“originário”, diz Freud) desviado do próprio Eu, que mostra o caminho dos componentes libidinais da vida sexual e, exatamente ali, onde “ele não experimenta nenhuma redução e nenhuma fusão, é produzida a conhecida ambivalência-amor-ódio, da vida sexual”. Entretanto, não se pode esquecer que o masoquismo é um parceiro indissociável do sadismo. Não mais considerado como mero “retorno do sadismo contra o próprio eu”, Freud afirma, a partir de agora, a existência de um “masoquismo originário” que é também, “na verdade, um retorno a uma fase anterior, uma regressão”<sup>66</sup>. Parentesco “originário” entre sadismo, masoquismo e pulsão de morte, pois não se trata de amor, do Eros dos poetas e filósofos, que aspira à restituição, à reunificação (daí a referência de Freud ao discurso de Aristófanes no *Banquete* platônico) de um estado de unidade primeiro mas, no limite, de destruição, seja do objeto, seja do próprio sujeito. Alguns anos depois, em “Inibição, sintoma e angústia”, ao fazer um “esclarecimento metapsicológico da regressão”, Freud assinalará, mais uma vez, esse lugar estratégico do sadismo: toda regressão supõe uma “mistura de pulsões, uma separação dos componentes eróticos que, com o início da fase genital, foram devolvidos à dominação destrutiva da fase sádica”<sup>67</sup>, “o forçar da regressão significa o primeiro êxito do Eu na luta defensiva contra as

63. GW, XIII, p. 55.

64. GW, XIII, p. 60.

65. GW, XIII, p. 58.

66. GW, XIII, p. 59.

67. GW, XIV, p. 143.

exigências da libido”<sup>68</sup>. Compulsão de repetição, pulsão de morte, sadismo e regressão não podem ser, portanto, pensados separadamente.

\*  
\* \*

Mas, por que, enfim, “Além do princípio do prazer” é considerado um comentário essencial de Proust? Penso que responder esta questão não significa apenas destacar o lugar fundamental da morte na obra proustiana. Benjamin vai muito mais além dessa constatação. Uma possível pista pode nos ser dada pela sua análise dos jogos infantis, quando ele segue estritamente Freud:

O obscuro ímpeto à repetição [*Drang nach Wiederholung*] no jogo – lê-se em “Brinquedos e jogos” (1928) – não é menos violento, menos astucioso na brincadeira, do que no amor da pulsão sexual. E não foi por acaso que Freud acreditou encontrar nele um “além do princípio do prazer”. De fato, toda experiência [*Erfahrung*] mais profunda quer, insaciavelmente, quer, até o fim, repetição [*Wiederholung*] e retorno [*Wiederkehr*] de todas as coisas, restauração [*Wiederherstellung*] de uma situação originária, de onde ela partiu.<sup>69</sup>

Esse “obscuro impulso à repetição” do jogo é “a mãe dolorosa de todos os hábitos”. A cultura tenta, entretanto, eliminá-lo, fixando-o no hábito. Em *Para a imagem de Proust*, Benjamin se refere a uma “dialética da felicidade”, a um “querer a felicidade” que possui uma dupla face:

Uma forma de felicidade como hino e uma como elegia. Uma [a primeira]: o inaudito, o que nunca foi, o auge da beatitude. A outra: o eterno mais uma vez, a eterna restauração (*Restoration*) da primeira felicidade, da felicidade originária. Essa idéia de felicidade elegíaca, que também se poderia chamar de eleática, é aquela que, para Proust, transforma a existência em uma floresta encantada da lembrança.<sup>70</sup>

O “obscuro impulso à repetição” transforma-se, no ensaio sobre Proust, na forma elegíaca, eleática, da felicidade. Podemos fazer aqui um paralelo entre essa passagem e a pulsão de vida, do mesmo modo que a primeira forma de felicidade, a “beatitude”, nos lembra a ausência de tensão almejada pelo trabalho de Tântalos. A referência aos eleáticos, a Parmênides provavelmente, parece ter a mesma função da referência ao *Banquete* de Platão, no texto de Freud. Trata-se de querer a restauração de uma unidade primeira, eterna, imutável, um além de todo vir-a-ser,

68. *GW*, XIV, p. 144.

69. *GS*, III, p. 131; *OE-I*, pp. 252-253.

70. *GS*, II-1, p. 313; *OE-I*, p. 39.

mas de onde emana e decorre toda forma de vida. Trata-se de “metafísica” no seu sentido mais clássico, mais platônico, onde o ser, esquecido, pode, entretanto, ainda ser restituído pelo trabalho da lembrança. Dessa perspectiva, o esforço de Proust em lembrar corresponderia à pulsão de vida.

O modo como Benjamin se refere à questão da curiosidade em *Para a imagem de Proust* ajuda a entender essa afirmação. “Na curiosidade de Proust”, diz ele, havia um “elemento detetivesco”. Como um detetive, Proust acaba por mostrar que as “dez mil pessoas da classe alta” formavam um “clã de criminosos”, “uma quadrilha de conspiradores”, uma “camorra de consumidores”<sup>71</sup>. É neste ponto que se pode compreender a extensão e a ferocidade de sua crítica social, diz Benjamin. O ponto de vista de Proust, que “transforma a existência na floresta encantada da lembrança”, mostra que o “comportamento do esnobe”, sua “consideração conseqüente, organizada, fortalecida, da existência”, nada mais é que “o ponto de vista quimicamente puro do consumidor”. Comportamento que Benjamin chama ainda de “*feérie* satânica” para, ao final, retirar sua última máscara: o “consumidor puro” é o “explorador puro”.

Dessas considerações, destaco dois aspectos que me parecem essenciais. Em primeiro lugar, a metáfora química da “pureza”, também presente no texto de Freud, é o oposto de outra metáfora química, a de fusão. Enquanto Eros quer unir e, para isso, precisa misturar, Tânatos quer separar, excluir, desligar. Uma substância “quimicamente pura” significa ausência total de mistura. Lembremos que já nos “*Papier*”, a “existência absolutamente prazerosa” é um “inferno”, pois trata-se de um “absoluto, químico, puro gozo da existência”<sup>72</sup>. Assim sendo, diz Benjamin, a classe alta “exclui do seu mundo todos os que participam da produção” ou então tenta assemelhá-los a ela. Em segundo lugar, a designação do modo de existência do “consumidor puro” e, portanto, do “explorador puro” como uma “*feérie* satânica”, o que nos lembra os “traços demoníacos” da “compulsão de repetição”. Podemos dizer então, com Benjamin, que a “curiosidade detetivesca” de Proust acaba revelando o traço sádico, destrutivo, a serviço da pulsão de morte, da classe social que ele descreve, traço que a figura do “explorador puro”, na sua relação com os serviços, torna ainda mais exemplar, pois esses só podem aparecer, na sua “lisonja servil”, como “bajuladores”. Sua “curiosidade”, enquanto “detetivesca”, dá “expressão à vida”, como lemos no “Diário”.

Entretanto, no “Diário”, lemos que Proust “talvez esteja do lado da morte”. O que faz Benjamin mudar sua opinião? Ou melhor, será que ele mudou de opinião? Na *Crônica Berlinense*, escreve Benjamin:

71. *GS*, II-1, p. 319; *OE*-1, p. 44.

72. Cf. nota 1.

O que Proust iniciou de maneira tão lúdica tornou-se de uma seriedade de tirar o fôlego. Quem, um dia, começou a abrir o leque da lembrança, sempre encontra novos segmentos, novos bastõezinhos, nenhuma imagem lhe basta, pois reconheceu o seguinte: ela se deixaria desdobrar, somente nas dobras está o verdadeiro (*das Eigentliche*): esta imagem, este gosto, este toque em vista do qual abrimos, desdobramos tudo isso; e agora a lembrança vai do pequeno ao menor, dos menores ao mais minúsculo e aquilo que vem ao seu encontro nesses microcosmos adquire uma violência cada vez maior. Eis o *jogo mortal* pelo qual Proust se deixou levar e para o qual ele terá ainda mais dificuldades de encontrar sucessores do que precisou de camaradas para jogá-lo.<sup>73</sup>

Eis aí, me parece, a questão-chave para Benjamin: a “floresta encantada da lembrança”, o inicialmente “lúdico”, a serviço de Eros e do princípio do prazer, tornou-se um “jogo mortal”. A “curiosidade detetivesca”, que descobria o traço sádico no outro, acaba revelando a si mesma, o elemento sádico que a perpassa e a constitui: o “leque da lembrança”, aberto infinitamente, implica uma repetição violenta, um entregar-se à “*feérie* satânica”, ao prazer “infernai”, em que “nenhuma imagem lhe basta”, que acaba por “tirar o fôlego” ao tornar-se “séria” demais, ao tornar-se uma “investigação”, uma “pesquisa”. Desse modo, essa obra só pode defrontar-se a todo momento com a figura da morte, onde parece desaguar e dissolver-se a “pandemia da reversão” (*renversement*)<sup>74</sup> que a atravessa.

Não creio que Benjamin tenha mudado de idéia. O que tanto o “Diário” quanto essa passagem da *Crônica Berlinense* fazem é apenas destacar o outro “extremo”, a morte. É como se a obra de Proust desenhasse o cenário do jogo entre memória e esquecimento – um jogo que o próprio Proust não desconhecia – como o palco onde se desenrola o confronto entre Eros e Tânatos. Quando Benjamin caracteriza o “bibliófilo”, numa “carapuça” que lhe cabe integralmente, ele o faz pelo seu “lado noturno”, onde se misturam “altivez, solidão e amargura”, acrescentando que, “de vez em quando, toda paixão (*Passion*) mostra seus traços demoníacos”<sup>75</sup>. É para não sucumbir à “*feérie* satânica”, imiscuída em toda paixão, que Benjamin abandona a escrita da *Crônica Berlinense*. Em seu lugar, a *Infância Berlinense*, fragmentos da memória atravessados pelo “pequeno corcunda”, alegoria da potência ativa do esquecimento, onde ao traço sádico de toda curiosidade mortal, que se expressa nesse infinito desdobrar da “lembrança” (*Erinnerung*), se contrapõe a “intensidade imobilizadora da rememoração (*Eingedenken*)”<sup>76</sup>.

73. *GS*, VI, p. 467-468. Grifo meu. Utilizo a tradução de Jeanne-Marie Gagnebin in *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo/Campinas: Perspectiva/Fapesp/Edunicamp, 1994, pp. 88-89.

74. Roland Barthes. “Une idée de recherche”, in *Recherche de Proust*. Paris: Seuil, 1980, p. 39.

75. *GS*, III, p. 14.

76. Jeanne-Marie Gagnebin. Op. cit., p. 91.



Essa positividade do “esquecimento”, mobilizada contra o “trabalho infinito da memória”, nos lembra a 2ª Dissertação de *Para a genealogia da moral*, de Nietzsche. Não por acaso, trata-se de mostrar aí “com quanto sangue e crueldade são feitas, no fundo, todas as ‘coisas boas’”<sup>77</sup>. Ao descrever as formas sádicas de produção da memória, do “homem capaz de prometer”, isto é, da origem da “responsabilidade” e do “indivíduo soberano”, do “senhor da vontade livre”, Nietzsche – como Freud, numa ligação que não escapa a Benjamin – leva a cabo a genealogia das formas ditas elevadas da cultura, consideradas como “sistemas de crueldade”. Entre vontade de verdade, construção da cultura e formas de sadismo forma-se uma unidade indissociável. A metafísica não é, decididamente, tão radical quanto pretendia ser. Fundada na “vontade de verdade”, no amor ao “belo e ao bem”, em vez de ser “condicionante” é “condicionada” por essas formas que nunca lembram a paz, mas sempre o conflito, do qual a moral – como as religiões – quer ser o curativo. É a pretensão de querer saber tudo, de conhecer tudo, que é colocada, com insuperável radicalidade, em questão.

“Além do princípio do prazer”, a “genial obra da maturidade de Freud”, escrita sob os escombros da Primeira Guerra Mundial, nos fala, freqüentemente, de “perda” (*Verlust*), de “decepção”, de uma “frustrada espera pela satisfação”, de “amputação” (*Abnahme*), de “sinceridade trágica”, de “equivoco”, de “ocasiões indesejadas e situações afetivas dolorosas”. Nesta perspectiva, ela não é apenas um comentário fundamental à obra de Proust. Mas também à do próprio Benjamin, cujo pensamento se inscreverá cada vez mais, a partir de então, sob o signo da perda: perda da aura, perda da experiência, perda da capacidade de narrar. A “genial” obra de Freud realiza, desse modo, em relação à nossa crença na consciência e na preponderância do princípio do prazer, o mesmo processo de “desaturatização” que Benjamin descreve nas suas análises da arte.

Na *Obra das passagens*, em anotações posteriores a 1935, Benjamin retornará ao tema do sadismo. Não mais, fundamentalmente, a partir de Proust, mas sim, de Baudelaire<sup>78</sup>, cujo “sadismo” também fora objeto de investigação médica e psicanalítica.<sup>79</sup> E nas anotações para as “Teses” *Sobre o conceito de história* (1940), seu último texto, o “elemento destrutivo” é considerado como o “elemento crítico” que “interrompe a continuidade histórica”. Mais adiante, ele acrescenta, como um enigma a ser decifrado: “Die Kuriosität und die curiosité”<sup>80</sup>. Enigma que atija a nossa “curiosidade”...

77. *Kritische Studienausgabe*. Berlin/München: Walter de Gruyter/DTV, 1982, vol. 5, p. 296.

78. *GS*, V-I, pp. 465-466 e 483-484.

79. Benjamin cita, principalmente, o livro de René Lafourge, *L'échec de Baudelaire. Étude psychanalytique sur la névrose de Charles Baudelaire* (1931) e o artigo de Cabanès, “Le sadisme chez Baudelaire” (1902).

80. *GS*, I-3, pp. 1242-1243.



## Resumos

*Este texto busca analizar la interpretación de Walter Benjamin sobre la cuestión del sadismo en la Recherche, de Marcel Proust, a partir de las referencias de Benjamin a Más allá del principio del prazer. Desmarcándose de una interpretación “psicobiográfica” así como de la propia idea proustiana de sadismo, Benjamin, recurriendo a Freud, consigue ofrecer una interpretación tan instigante como compleja de una de las obras de literatura más importantes y comentadas de nuestro siglo. Desde esta perspectiva, aquello que la interpretación de Benjamin destaca no son las famosas escenas de sadismo de la Recherche, sino la “curiosidad” insaciable y, en su extremo, sado-masoquista, del “narrador”. Haciendo una transposición de esta interpretación para el campo del análisis de la cultura, Benjamin acaba por revelar los trazos radicales de la crítica social en Proust: la “pulsión de muerte” como organizadora de las relaciones sociales en la sociedad capitalista.*

**Palabras-chaves:** Narración, curiosidad, sadismo, pulsión, deseo de saber

*Ce texte essaie d’analyser l’interprétation que W. Benjamin propose de la question du sadisme dans la Recherche de Proust, et cela à partir des références explicites de Benjamin au texte de Freud, Au-delà du principe de plaisir. S’eloignant de l’interprétation “psycho-biographique” comme la propre représentation proustienne du sadisme, Benjamin offre une interprétation aussi stimulante que complexe de l’une des oeuvres littéraires les plus commentées de notre siècle. Il ne souligne pas les fameuses scènes de sadisme présente dans la Recherche mais préfère attirer l’attention sur la “curiosité” insatiable et, à la limite, sadique du “narrateur”. Transposant cette interprétation au champ de l’analyse culturelle, Benjamin termine par révéler les traits radicaux de la critique sociale chez Proust: comment la “pulsión de mort” est l’organisatrice des relations sociales dans la société capitaliste.*

**Mots clés:** Narration, curiosité, sadisme, pulsion, désir de savoir

*This work intends to analyse Walter Benjamin’s concept of sadism in Marcel Proust’s Recherche taking Benjamin’s explicit referencies to Beyond pleasure principle. Escaping both from a “psychobiographic” interpretation and from the proustian idea of sadism itself, Benjamin resorts to Freud to offer a stimulating and complex interpretation of one of the most important and commented pieces of literature of our century. In this perspective, Benjamin’s interpretation focuses not the famous scenes of sadism in Recherche, but the insaciable and, in the edge, sado-masochist “curiosity” of the “narrator”. Taking this interpretation to the field of cultural analysis, Benjamin reveals the radical traces of social critics in Proust: the “death instinct” as an organizer of social relationship in capitalism.*

**Key words:** Narration, curiosity, sadism, “instinct”, will of knowledge